

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

6 e 22 de Janeiro de 2020

JA-YU-EUI EON-DEOK / 2014

“A COLINA DA LIBERDADE”

um filme de HONG SANG-SOO

Realização, Argumento: Hong Sang-soo *Fotografia:* Park Hong-yeol *Som:* Kim Mir *Montagem:* Hahn Sung-won
Interpretação: Ryo Kase (Mori), Moon So-ri (Young-soo), Seo Young-hwa (Kwon), Kim Eui-sung (Sang-won), Youn Yuh-jung (Gu-ok), Gi Ju-bong (Byeong-joo), Lee Min-woo (Ji Kwang-hyun), Jung Eun-chae (Yeom-gu), Na Hye-jin, Kim Min-jae, etc.

Produção: Jeonwonsa Film (República da Coreia, 2014) *Produtor:* Kim Kyoung-hee *Cópia:* Fine Cut, DCP, cor, versão original falada em inglês e coreano com legendas electrónicas em português, 66 minutos *Título internacional:* HILL OF FREEDOM *Primeira apresentação pública:* 2 de Setembro de 2014, no Festival Internacional de Cinema de Veneza *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

“Querida Kwon.” São as primeiras palavras do filme na voz off do homem que o narra. A voz de Seo Young-hwa (Kwon) também há-de ouvir-se em off, menos vezes. A sua imagem de leitora das cartas vai ser recorrente, em planos breves normalmente cerrados. A leitura epistolar corresponde quase integralmente à acção narrativa que, nos primeiros minutos, segue em paralelo Kwon e o homem que lhe escreve, dois anos depois de se terem conhecido sem viverem a história da paixão de que ele veio à procura no momento que as cartas relatam. Anuncia-o o ruído das rodinhas de uma mala de viagem no asfalto alinhado com as notas musicais da banda sonora na abertura colorida deste Hong Sang-soo, que volta ao amarelo vivo de um fundo de caracteres azul-turquesa. É logo depois que a mulher recolhe um envelope com um maço de cartas manuscritas no balcão do escritório em que se senta a lê-las.

Ryo Kase, actor de Hirokazu Koreeda, ou de Clint Easwood em *CARTAS DE IWOJIMA* e Abbas Kiarostami em *LIKE SOMEONE IN LOVE*, é Mori, o professor japonês em visita à Coreia no rasto de uma idealizada bem-amada neste pequeno filme de Hong Sang-soo. *Pequeno* porque curtinho, a lembrar um haiku. Um haiku que versa o tempo, grande labirinto hongsangsoosiano. O rapaz – o professor é um rapaz – vem instalar-se numa estalagem familiar de um bairro antigo de Seul e frequenta o café com nome japonês que tem bolo de chocolate da Califórnia e uma mulher que lhe há-de trocar as voltas à espera. O que ele vê na amada que em tempos lhe mostrou este café perto de casa vê a dona do café nele. O café chama-se “A Colina da Liberdade”, dá o título ao filme. Mori anda a ler um livro numa edição da sua língua nativa, que não pode falar na Coreia fazendo uso do inglês, já ensaiado por Haweon dois filmes antes. Mas isso, a par do facto de Kase alinhar com Isabelle Hupert nos elencos internacionais de Hong Sang-soo, é um detalhe. Ou talvez não dado que o filme não passa por cima da diferença cultural. *Noutro país*, Kase como Huppert.

Para um não coreano e não japonês, por ser menos perceptível nas suas subtilidades históricas, importa menos que a questão do tempo. Mas um espectador de Hong Sang-soo havia de suspeitar que ele faria das coordenadas temporais matéria de um filme assim, experimentadas a desordenação segmentada da linearidade narrativa de “O FILME DE OKI” (2010), a indecisão temporal de “O DIA EM QUE ELE CHEGA” (2011) ou a imbricação dos tempos sonhado e vivido em “HAWEON FILHA DE NINGUÉM” (2013). Cita-se Mori falando a Young-soo do livro que anda a ler, e quase parece que escutamos o eco cómico de uma personagem de “O DIA EM QUE ELE

CHEGA” no bar Romance: “O livro diz que o tempo não é uma coisa real, como o teu corpo, o meu corpo ou esta mesa. O nosso cérebro engendra o quadro mental da continuidade temporal: passado, presente e futuro. Não acho que tenhamos de experimentar a vida dessa maneira, não necessariamente. Mas a verdade é que a espécie humana não consegue escapar a esse quadro mental porque o nosso cérebro evoluiu nesse sentido. Não sei porquê.” É claro que tal eloquência discursiva merece a réplica que se oferece à mulher que o convidou para jantar e está a beber vinho com ele: “Muito interessante, depois falas-me disso.” Alisada a retórica, fica expresso o subtexto do dispositivo de “COLINA DA LIBERDADE” em que o tempo é narrativamente baralhado pondo o espectador no lugar de quem pode experimentá-lo em curto-circuito.

O filme segue “trocado”, as sequências não encaixam na lógica da progressão narrativa, e o primeiro sinal está na cena do convite para o tal jantar a dois com vinho, que ele aceita de bom grado porque “não tem nada para fazer”. É que Young-soo, a dona do café quer retribuir o gesto de simpatia dele ao salvar-lhe o cãozinho. Do cãozinho já sabemos que costuma estar pelo café (como já sabemos que os cães rondam os Hong Sang-soo’s). Mas o salvamento? Qual salvamento? Havemos de ir sabendo, por avanços, recuos e pelos movimentos laterais das personagens principais e secundárias que sinalizam outras tantas possibilidades narrativas, uma “deixa” em que Hong há-de pegar em GRASS (2018), outro filme noutra café e outro filme curtinho (os mesmos 66 minutos). A premissa desordenadora é dada de início, quando Kwon sente a vertigem no cimo das escadas que faz com que as cartas que leva na mão caiam espalhando-se ao acaso. Não estando as páginas numeradas, a ordem original não é recuperável: voltando a recolhê-las, lê-las-á no alinhamento acidental que a construção do filme reflecte. Mas se o dado diegético justifica a estrutura do filme, não esgota nele a complexidade que se tece ainda em desdobramentos internos: o presente da acção corresponde à leitura das cartas de Kwon, que por sua vez referem o momento em que Mori vai a Seul tentar reencontrá-la, dois anos depois do momento em que se conheceram nessa mesma cidade, o “tempo original” da história dos dois. O passado e o presente correspondem-se narrativamente, por meio de flashbacks que entretanto comportam ligações e sobreposições de tempos e situações, como o falso desfecho que de tão aparentemente feliz logo se desconfia. Já sobre o desfecho “desfecho” – “Adeus / adeus” –, podemos perguntar-nos se é *mesmo* o fim da história pensando na carta que pode ter ficado por ler em cima da mesa do café de nome japonês.

“Não sejas tão realista, meu. / Não sou. Ninguém é tão realista”, ouve-se numa conversa entre Mori e um amigo recente lá mais para o início do filme. Há quem tenha visto em “A COLINA DA LIBERDADE”, a revisitação de HIROSHIMA, MEU AMOR e MURIEL de Alain Resnais por Hong Sang-soo, interessado nos mecanismos do tempo e da memória. Elaboradíssimo, o filme parece simples e até linear, iludindo a complexidade da estrutura e permanecendo puramente Hong Sang-soo. De sequência em sequência, entre a estalagem e o café, uns restaurantes e uns bares, Mori percorre o seu caminho tal como o conta a Kwon. A sua segunda vez em Seul é enredada na intriga em primeiro plano com a mulher do café, mas também na série de rimas ou reflexos que as personagens secundárias trazem consigo para iluminar ou emaranhar a história: mais presentes, como a dona da estalagem e o sobrinho endividado, ou mais fugazes, como a rapariga do quarto ao lado a quem dá um ataque de quase histeria quando o pai a vem buscar fazendo-a desencontrar-se com o amante (a Haweon do outro filme), ou o americano que se instalou na Coreia por amor da mulher com quem está casado e gere o bar aonde Mori conversa e se embebeda com ele e o sobrinho da dona da estalagem, gritando umas coisas destemperado pelo álcool. Acontece a muitas personagens de Hong Sang-soo, mesmo sendo, como Mori, pessoas que sossegam a contemplar flores. “És um tipo esquisito”, é a sentença do amante da rapariga alta, um figurante de poucas falas.

Maria João Madeira